RELIGIOSIDADE AMAZÔNICA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS RELIGIOSAS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO PARÁ

Maria Alice da Cruz Oliveira[1]

RESUMO: O trabalho tem como objetivo levar uma reflexão sobre a construção das representações sociais e das práticas religiosas presentes na realidade do caboclo amazônico em uma comunidade quilombola no Pará, bem como os meios utilizados para preservação de sua identidade mediante a constante interferência social e religiosa no dia-a-dia daquele povo e de suas lutas pelos seus direitos. A Comunidade de Sucurijuquara está classificada dentro da categoria de comunidades tradicionais (indígenas, camponeses, quilombolas e ribeirinhas), oriunda do período escravocrata, apresentando uma miscigenação étnica, que vai se manifestar dentro de uma diversidade cultural que vem sendo construídas através dos tempos, e representada por meio de suas memórias e representações sociais e religiosas presentes no imaginário amazônico das populações situadas na região. Esta Comunidade se encontra localizada na área metropolitana do município de Belém-PA (AMB), apresentando peculiaridades ímpares de populações amazônicas, onde o grupo apresenta fortes relações em torno de suas representações coletivas que vão se dá através da produção de conhecimentos plurais, contribuindo assim para reforçar a identidade do grupo, com influência nas práticas e nas representações construídas no seu cotidiano. Esses fatores vêm ocorrendo ao longo dos tempos de sua existência, não deixando de considerar, a importância da sua permanência local e as ações realizadas por essa população no espaço, como meio de resgatar sua memória e sua contribuição para manutenção de sua identidade. São características que estão presentes no processo de conservação dessa cultura que vem se dando através das atividades realizadas na comunidade que se encontra recheada de representações, simbologia e significados.

Palavras-chave: Práticas Religiosas; Representações Sociais; Amazônia; Quilombolas.

INTRODUÇÃO

Entender a região Amazônica em sua totalidade, implica no reconhecimento de que esta não se apresenta de forma homogênea, Pois o espaço amazônico, ainda continua sendo construído e reproduzido por uma multiplicidade de atores, através das ações e relações construídas através do tempo, Entretanto no imaginário de grande parte da sociedade, ainda persiste a concepção de que a Amazônia é uma região naturalista, com recursos naturais, como água, abundancia na diversidade da fauna e flora, mais há também outro importante potencial, o patrimônio cultural, que se apresenta na diversidade de pessoas com diferentes traços e características próprias dentro do espaço brasileiro, uma visão, que não se apresenta completamente arbitraria mais perigosamente reducionista.

---

[1] Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2014-2015). Pós-graduada em Gestão e Docência na Educação Superior - UNAMA; Graduada em Geografia pela UFPA. Licenciatura Plena em Ciências da Religião, pela UEPA. E-mail: alicymary@yahoo.com.br.

Para se descrever a religiosidade em terra amazônica, se faz necessário levar em consideração, as diferenciações, e tipos de espiritualidades e/ou cristianismo, presentes na região, que se encontra habitada por populações que apresentam, culturas e religiosidades diversas, constituídas de relatos do passado, e pela memória que se encontra presente na intimidade em conexão com o futuro, constituindo assim, uma temporalidade pela qual os lugares emergirão como forma de fenômenos vivenciados e recheados de significações.

Tomaremos como ponto de partida para essa reflexão, uma população oriunda do período colonial, usada como força de trabalho escrava no Brasil, e que seus descendentes, os que restaram desse período, encontram-se dispersos em áreas, denominadas de Comunidades quilombolas, que se encontram dispersas por todo o território brasileiro, são grupos humanos diferenciados, sobre o que concerne a questão cultural, que se apresenta de forma diferenciadas, com formas próprias de organizações sociais e religiosas, que ocupam e usam o espaço de forma temporária ou permanente, apresentando uma historicidade singular. Essas Comunidades são formadas por populações que resistiram ao tempo nesse território em que vivem, com características e aspectos que os diferenciam e que no decorrer dos tempos tem procurado conservar seus valores e tradições culturais presentes nessas populações.

A análise será desenvolvida em torno das representações sociais e das praticas religiosas presentes no cotidiano da Comunidade de Sucurijuquara que se encontra recheada de simbologia, dentro do imaginário amazônico. Essa população apresenta características da miscigenação de indígena e africana. A comunidade de Sucurijuquara se encontra dentro da classificação de comunidade tradicional. Esses remanescentes de quilombo, como foram intitulados, após avaliação do órgão da instância federal "Fundação Cultural Palmares", foi-lhe conferida à competência para emissão de deferir a certidão para que a comunidade se auto defina quilombola.

> Institui o Cadastro geral de Remanescentes Das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas terras de preto, Comunidades Negras, mocambos, Quilombos, dentre outras denominações Congêneres (Quilombolas no Pará, 2011, p.35).

A comunidade em questão apresenta característica que a leva a ser classificada como comunidade quilombola, por apresentar, além das características presentes no seu cotidiano, uma memória social que faz parte do modo de vida desse grupo em questão.

Além da introdução e das considerações finais, o artigo se apresenta organizado em seções como, localização espacial/temporal, descrição da religiosidade na comunidade de Sucurijuquara, enfocando as denominações religiosas já existentes, assim como toda a movimentação em torno da organização da festa da Imaculada Conceição, santa padroeira,

analisando especificamente a procissão sua importância e os aspectos sociais no contexto religioso, e o momento em que toda a comunidade católica se reúnem pera prestigiar o evento.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A Comunidade de Sucurijuquara está localizada na região metropolitana de Belém, Comunidade, oriunda do período escravocrata, situada na estrada da Baía do Sol, a 66 km da capital paraense, Distrito de Mosqueiro-PA; apresentando um grupo de aproximadamente 200 famílias, que buscam, seja no contexto social e religioso ou na sociedade como um todo, sua legitimidade e visibilidade tanto do poder publico quanto através da construção de suas relações sociais no espaço paraense.

Pereira e Mendes (2012), afirma que a Baía do Sol é uma ilha ligada a Mosqueiro, composta por três sítios e quatro bairros, onde a comunidade de Sucurijuquara é um desses bairros. É sabido pelos relatos dos viajantes, que a ilha de Mosqueiro, o Rio Morubira, o Sucurijuquara e a Baia do Sol, foram os primeiros povoados a serem conhecidos datados no ano de 1627. Antes dessa data já havia relatos orais dos desbravadores Espanhóis e Franceses nessa região que comercializavam nessas nucleações paraenses.

No século XVIII, na parte leste de Mosqueiro deu início ao surgimento de pequenas propriedades agrícola e extrativista, que no primeiro momento se utilizava da mão de obra indígena que depois foi dado lugar a mão de obra escrava, nos pequenos sítios dos senhores de escravos. Assim a beira-mar da Baía do Sol foi se estalando sítios que mantinham comunicações entre sim e com as cidades vizinhas como Colares e Vigia que fazia fronteira com essas terras. Os negros permaneciam sobre o domínio do colonizador. Aconteceu que em alguns casos, pouco frequentes, esse escravo recebia do seu senhor uma terra como herança ou na maioria das vezes fugia e formava pequenos mocambos. Essas são as raízes negras existentes na Baía do Sol.

Conforme Pereira e Mendes (2012, p. 14):

> No período Monárquico esse tipo de exploração tanto agrícola como humano serviu para aproximar o comercio das pequenas fazendas, com a cidade de Belém através das drogas do sertão produzidas nos arredores de Belém para serem comercializadas no Ver-O-Peso, ponto do comercio local desde o período colonial e o maior centro de poder político e econômico na calha do rio amazonas.

Partindo dessa visão, observa-se que o negro se encontra dentro de cada cidade dessa região, o escravismo passou por Mosqueiro, Baía do Sol, como por diversos locais do país, mas ficou perdido na memória dos antigos moradores. Quem conhece ou visita essas áreas

não sabe o que essas comunidades guardam de suas histórias, considerado patrimônio coletivo, que por muitos desses moradores ficaram perdidos no tempo e por outros estão nas representações centenárias de alguns moradores, e se manifestam no dia-a-dia dessa população.

Para Salles (1988, p. 230) nas proximidades da cidade de Belém começou o surgimento de núcleos de escravos os quilombos, mais na região eram denominados de mocambos. Nesse período, surge nessa província importante quilombo, que eram visto como sinal de revolta dos negros e dos índios. Essas áreas eram usadas para refúgio dos negros que procuravam se proteger das mazelas dos seus senhores.

Nesse contexto social, político e econômico, utilizava-se de um sistema de produção agrária, onde esses fugitivos desfrutavam de poucas ou quase nenhuma vantagem dentro desse cenário. Essa população usufruía dos recursos naturais, existente na região como açaizais, planta originada da região, utilizada como fonte de alimentos por esses grupos amazônicos.

Além das comunidades, encontradas na Amazônia, como ribeirinhas e indígenas entre outras, foi encontrada em território paraense, uma variedade de comunidades remanescentes de antigos quilombos, espalhadas pela região, como afirma Salles (2004, p. 99): "O núcleo mais próximo de Belém, alias no próprio município, localiza-se na ilha de Mosqueiro, uma aldeia de 72 famílias. Foi identificada pela *Sopren* em 1992 com a sugestiva dominação Nova Zâmbia. Uma reminiscência da África".

A comunicação dessas comunidades, com a cidade de Belém, se dava através da descida nas correntezas das águas dos igarapés, que alcançava os rios, e dava acesso aos vários portos da cidade, alguns deles se apresentavam na forma da clandestinidade, mas era utilizado para a comercialização do que era retirado e produzido, por esses povos da floresta. Os rios e a floresta eram a principal fonte de produção, comercialização e transporte nessa região, que depois de algumas décadas deu-se início a construção de estradas, que trouxe uma nova dinâmica para a população que reside à beira dos rios, produzindo assim um novo arranjo populacional na região.

Portanto, partindo dessa análise, em conformidade com os referidos autores, se visa mostrar que as raízes históricas, do antigo regime escravocrata, presente na história da população brasileira, em particular no Distrito de Mosqueiro, vai possibilitar a construção de um novo conhecimento, que vai nos reportar ao passado para uma melhor observação da construção desse imaginário, presente que vai se dá através das representações que são produzidas no cotidiano dessas populações presente na Amazônia, compreendendo que a temática tem provocado muitas discussões, ao longo do seu surgimento, como também, da

importância do seu papel dentro do contexto, religioso, político e social da sociedade paraense.

Desta forma procurou-se trazer uma variedade de conceitos e categorias de analise, que vão perpassar o conhecimento que se tem até então das comunidades classificadas de tradicionais, remanescentes de quilombolas. Trazendo em seu bojo o resgate de suas memórias e ampliando, assim, as discussões sobre a sua importância e sua representatividades na sociedade brasileira como todo.

Não há uma definição universalmente aceita para definir o conceito de comunidade tradicional, ou nativa, pois para Colchester (2000), são denominadas comunidades tradicionais as populações ou grupo de pessoas, que residem em uma determinada área por um longo período, apresentando características sociais e culturais distintas da sociedade dominante, fatores esses, que os tornam propícios ao desfavoreci mento dentro do processo de desenvolvimento.

Para Arruda (2000), as populações tradicionais apresentam um modelo específico de organização social e espacial, nas áreas em que residem, utilizando os recursos naturais para sua subsistência, usando basicamente a mão de obra familiar, a maioria dessas comunidades não apresentava, até a década de 1980 e início dos anos 1990 qualquer registro legal de propriedade individual, coletivo ou privado da terra, sendo definida apenas como local para uso de moradia, com características comunitárias uso regulamentado pelos seus costumes, tendo bem presente um modelo de compartilhamento interno entre os componentes da comunidade.

Após a Constituição de 1988, é que foram legalmente constituídos os direitos direcionados as comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, ribeirinhos etc.), que apresentam como ponto comum a capacidade de sobreviverem no interior da floresta, com difícil acesso geográfico.

A partir dos artigos 68, 215 e 216 da constituição Federal de 1988, vai estabelecer a legalidade, os direitos de reminiscência e aos afrodescendentes, e o Estado fica na responsabilidade da emissão dos direitos fundiários a essas populações, esses direitos estão instituídos no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias- ADCT, no artigo 68, onde vai citar que é de direitos dos Remanescentes das comunidades quilombolas que estejam ocupando suas terras é reconhecido o direito de propriedade definitiva. Garantem ainda os direitos culturais, definindo como responsabilidade do Estado a proteção as manifestações das culturas populares.

Portanto, o termo comunidades tradicionais vai designar os povos que residem em determinados territórios, e trazer diversos aspectos que vão diferenciá-los como grupo específico na conservação dos valores, tradições culturais e hábitos ao longo do tempo, buscando sempre o resgate dos traços culturais junto à coletividade. Apresentam também um dinâmico sócio espacial que sofre mudanças, dentro de um ritmo diferenciado das demais comunidades; seu território é apresentado como ponto fundamental para a reprodução dos costumes e preservação de sua identidade, seu gênero de vida, entre outros, tendo em vista que é no seio dessa população que se dar as relações econômicas, sociais, religiosas e culturais presentes nos grupos, sejam eles ribeirinhos indígenas ou quilombolas.

2 REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS RELIGIOSAS DE SUCURIJUQUARA

As representações sociais são modalidades de pensamento, de comportamentos e ideias, que vão contribuir para uma maior compreensão e domínio do ambiente social e material, que enquanto tal vai apresentar características especificas no plano das organizações mentais de determinado grupo. São conhecimentos que são construídos através das relações do indivíduo com o espaço ao qual pertence; pois as representações sociais são resultados da interação entre os indivíduos, e vai procurar explicar os fenômenos, que ocorrem com esses indivíduos, a partir da perspectiva coletiva, mas levando em consideração sua individualidade.

Apresenta uma comunicação dinâmica, é um tipo de conhecimento dito do "senso comum", caracterizado por apresentar algumas propriedades, socialmente elaborada e compartilhada, com uma prática de organização e de orientação de conduta do grupo, apresentando uma visão da realidade comum a um dado objeto social ou cultural.

Além disso, pode ser evidenciada na organização da comunidade de Sucurijuquara, a mobilização para organização das festas na comunidade, sejam elas religiosas ou sociais, acontecimento esse, que fará parte da construção simbólica da realidade daquele povo. Esses acontecimentos levam a comunidade a se voltar para organização desse evento cultural, ou seja, são considerados evento de grande representação social para o grupo que ali vivem.

Como afirma Jodelet (2000, p. 10) dentro de sua abordagem estruturalista:

> As representações sociais são entendidas como o estudo "dos processos e dos produtos, por meios dos quais os indivíduos e os grupos constroem e interpretam seu mundo e sua vida, permitindo a interação das dimensões sociais e culturais com a história...".

Ainda como embasamento teórico, também se fará uso dos principais conceitos de Pierre Bourdieu (1989; 1999), que vai possibilitar um maior entendimento, em relação às

diferenças econômicas, sociais e religiosas que são duplicadas pelas distinções simbólicas nas maneiras de usufruir estes bens. Segundo o autor,

> Tentar apreender as regras do jogo da divulgação e da distinção segundo as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar pelo aspecto econômico, a distinções simbólicas, e muito menos, reduzir as relações de forças a puras relações de sentido (BOURDIEU, 1999, p. 25).

Para Bourdieu, a concepção de sujeito, se faz necessário ser analisada dentro de vários aspectos. Ao que se referem os sujeitos da Comunidade de Sucurijuquara, além dos fatores analisados pelo autor a cima, é importante enfatizar os aspectos sociais, culturais, religiosos entre outros.

Atualmente a comunidade apresenta uma população de aproximadamente de 200 famílias que se encontram divididas pela sua religiosidade. Apresentando uma variedade religiosa, presente em um espaço geográfico repleto de significados e simbologias no imaginário do caboclo amazônico, que se manifesta recheado de uma variedade de concepções religiosa.

Conforme afirma Galvão (1953, p. 02):

> O caboclo amazônico é católico. Recentemente, outras concepções religiosas se têm difundido pelo vale, tais como o espiritismo, o protestantismo, e em poucos centros, o judaísmo. Nos centros urbanos, onde foi maior a importação de escravos negros, transparecem influencias africanas como "a casa de minas", os cultos caboclos, certas praticas de feitiçarias etc. Na zona rural essa influencia secundaria é bastante atenuada, predominando crenças e praticas de origem ameríndia e ibérica.

A religião católica chegou à Amazônia, por volta do século XVII, através das missões jesuíticas e colonos, que impuseram sua crença a população nativa, que aos poucos fora desmembradas e incorporada às aldeias missionárias e aos centros coloniais. Esses fatores levaram os índios a um processo de aculturação a sua revelia. Ocorrendo assim uma predominância da religião católica, essa hegemonia católica vem, apresentando regras e normas, que alguns grupos da sociedade pós- moderna, não querem se adaptar, contribuindo, significativamente para a manifestação de um forte sincretismo religioso com características vindo das etnias presentes na região, que se deram no período colonial, religiosidade essas, que vão se apresenta com traços do índio e dos portugueses que aqui chegaram.

Para Maués, o catolicismo popular, presente na região amazônica, apresenta suas especificidades centradas nos cultos e nas crenças aos santos. Apresentando uma população cabocla, que vai se distinguir por um lado, entre o "santo do céu" e sua "semelhança" ou

imagens, essa continuidade de cultos aos diversos santos, faz parte da religiosidade presente na região em questão (MAUÉS, 2005, p. 261).

Para Zygmund Bauman (2001), a sociedade moderna, vai se apresentar dentro de uma liquides, por não apresentar estabilidade, dentro de uma dialética própria e particular, por isso se modifica constantemente. Ao que tange o religioso, o homem apresenta uma autonomia para se atrelar a seitas e grupos religiosos; que de certa forma vai levá-lo a sentir-se bem socialmente. Na sociedade liquida, a experiência religiosa vai se dá através do individuo com ele mesmo ou com o coletivo, de forma efêmera, frágil e através dos facilitadores, ou seja, não mais submisso ao totalitarismo de um líder religioso.

O autor citado anteriormente vai afirmar que mesmo o homem tendo adquirido sua autonomia religiosa, forma de pensar e de se relacionar, tornando-o mais individualizado levando-o a perda do sagrado como seu referencial primário. Essa fluidez vai levá-lo a perda da sua identidade e estabilidade religiosa, porem lhe dando certa autonomia de se libertar de tudo que é instituído enquanto regras de uma instituição dominante.

Em relação à religiosidade da Comunidade de Sucurijuquara, especificamente, a igreja católica, que tem como santa padroeira a Imaculada Conceição, festejada no dia oito de dezembro, se encontra também na comunidade denominações protestantes, com dois templos da Assembleia de Deus, um da comunidade de Madureira e outro da comunidade vale da benção; além de contar com uma igreja do evangelho quadrangular e adventista do sétimo dia. Ambas apresentam uma agenda de cultos, que se dão de acordo com a doutrina pregada em cada uma delas, apresentando reuniões no decorrer da semana e celebrações aos domingos, predominantemente (culto da família, escola bíblica dominical, santa ceia, batismo etc.).

Foi observado que as denominações citadas apresentam discrepâncias quanto ao número de membros ou participantes, o que nos levou a questionar o porquê dessa diferenciação, ou seja, está relacionado a algum fator, social ou econômico? Que parâmetros são exigidos, pelos participantes, para estarem inseridos dentro do critério do rol de membros dessas denominações religiosas, presentes nesse coletivo que ali vive? Ressaltando que essas diferenciações já vêm sendo pesquisadas, dentro das ciências humanas, por vários estudiosos, como historiadores, sociólogos e cientistas da religião.

Os estudos realizados neste contexto vão diferenciar os pentecostais, oriundos dos Estados Unidos no inicio do século XX, do protestantismo histórico, de origem Europeia, provenientes da reforma do século XVI (NOVAES, 2001, p. 43). Com existência das diferentes denominações, dentro do próprio pentecostalismo, a ênfase doutrinaria é que vai diferenciar os evangelismos históricos do pentecostalismo. De maneira geral, os pentecostais

pregam a segunda vinda de cristo, e existência dos dons do espírito santo, Suas igrejas apresentam uma forma peculiar de manifestação e relação do homem com o sagrado, como falar línguas estranhas (glossolalia), louvores, exorcismos entre outros.

No Brasil o pentecostalismo merece ser observado de forma singular, como produto histórico, resultado das culturas, europeias e americanas, dentro de um território historicamente reconhecido como católico, levando em consideração suas origens, indígenas e religiosidade africanas. Portanto, essas variedades de manifestações religiosas vão se dá, para além do contexto religioso, mas também refletir os aspectos sociais, na forma de pertencimento a determinados grupos.

3 A FESTA DO SANTO E SUAS IDIOSSINCRASIAS

A movimentação em torna da organização da festa, ao santo padroeiro da Comunidade de Sucurijuquara é Nossa Senhora da Conceição. A priori é realizada uma reunião, aproximadamente um mês antes dos festejos, para a escolha das mulheres, que tenham disponibilidade para ficarem com essa responsabilidade, da organização, de tudo que venha acontecer no interior da igreja, como, ornamentação do espaço físico, e da berlinda, a programação litúrgica, é definia juntamente com o pároco, assim como a escolha da família que receberá a imagem na noite da trasladação.

E a parte externa fica sob a responsabilidade dos demais grupos, que desempenham determinadas funções ao longo da festividade, que serão designados, por uma escala de participação, entre os seguintes grupos, grupos dos Senhores, dos jovens, da escola juntamente com os clubes de futebol, das crianças e por ultimo das Senhoras, que ficam responsáveis pelas pela maioria das tarefas.

Após toda essa mobilização será realizado, o que podemos denominar, na linguagem do campo religioso católico de trasladação, nome dado ao percurso que vai se dá pela população, juntamente com a santa, que sai da igreja, no sábado após a missa, em direção à residência de um dos moradores, da Comunidade, que recebe a Santa em sua residência. A Santa pernoitará nessa residência para na manhã seguinte, dá inicio ao círio[2] da comunidade. No local onde se recebe a santa acontece toda uma programação antes da saída da berlinda, quando a família oferece o café da manhã para os devotos.

Após uma breve reflexão litúrgica, dá-se inicio a procissão, nesse momento o andor[3] que conduz a imagem é carregado, primeiramente pela dona a casa, e no decorrer da procissão, é conduzida pelos demais. Ao longo do percurso, pelas ruas da comunidade, o grupo canta, reza, e prestam varias homenagens a santa padroeira. Nesse momento, de

envolvimento devocional religioso, a imagem é recebida em algumas casas, especificas, com cantos e queima de fogos.

Em uma das casas, visitada pela santa, observou-se a mistura do momento devocional com o ritual de passagens, que ao mesmo tempo em que a santa recebia as homenagens, era também festejado o aniversario da dona da casa, que tem em comum o nome de Conceição.

Outro ponto relevante, que requer atenção, é autonomia da comunidade durante a procissão, que mesmo com ausência do padre transcorreu de forma organizada, do inicio até a chegada à igreja. Diante disso faz-se uma breve análise, que o círio das comunidades rurais na região, tomando como exemplo a comunidade em questão, a presença do padre se faz importante nas visitações as famílias da comunidade, como forma de agregar seguidores, para o rebanho católico, e nas celebrações das missas, deixando as procissões sobre responsabilidade dos organizadores da festa.

Essa romaria se originou, por volta de 1940, aproximadamente a 74 anos. Espaço esse que se encontra recheado de simbologias entre o sagrado e o profano. Para tanto, compreender a essência da experiência religiosa, se faz necessário focalizar o sagrado que vai concretizar o fenômeno religioso na sociedade, favorecendo uma avaliação e classificação das diferentes manifestações religiosa no espaço, buscando assim, o resgate do sagrado, e mostrando-o como, esse elemento apresenta características e diferenciações de acordo com os lugares, atribuindo um significado próprio, desvinculando da esfera do econômico, para a esfera do simbólica.

O sagrado e suas manifestações, vão se apresentar, de certa forma relacionada ao profano. Onde o primeiro se relaciona a uma divindade e o segundo não. A manifestação do sagrado se dar através das hierofanias[4].

Rosendahl (1996, p. 29), vai afirmar:

> [...] importa conhecer bem que o sagrado se manifesta totalmente sob a forma de hierofanias no espaço, qualificando-o como espaço sagrado. É oportuno conhecer a natureza do espaço sagrado, como se constrói tal espaço e porque ele se torna qualitativamente diferente do espaço profano que o circunda.

Para o homem religioso, o espaço se apresenta de forma heterogênea, ele se apresenta com rupturas diferentes do profano. Há, portanto um espaço sagrado " forte " de significados, e há outro espaço considerado não sagrado que se apresenta sem consistência, sem estrutura, amorfo. Para o homem religioso essa diferenciação espacial se apresenta através das manifestações de suas experiências religiosas, levando assim a uma posição entre o espaço

sagrado e o profano. Pois o local se apresenta como se fosse um veiculo de comunicação entre o homem e o transcendente (Deus). Ainda Rosendahl (1996, p. 33),

> A igreja não é somente o lugar em que se reúnem os fieis, mas igualmente o resinto protegido das influências dos meios profanos. Inicialmente por seu aspecto exterior, ela se distingue dos outros locais de reunião e dos outros centros da vida coletiva.

Partindo desse analise, percebe-se, que a comunidade em foco apresenta uma junção do sagrado e do profano, muito visível no decorrer do arraial, pois no transcorrer dos festejos, paralelamente as realizações das celebrações religiosas, acontecem uma movimentação dos atores sociais, que estão intrinsecamente envolvidos com o profano.

4 O SOCIAL NO RELIGIOSO

Após uma análise do aspecto religioso da comunidade de Sucurijuquara, percebeu-se a existência de uma estreita relação do religioso com o social. Essa comunidade nos levou a observar características que vai relacioná-la , dentro dos critérios de movimento social. Como, grupo organizado, luta social em torno de algo que seja comum a todos, apresenta carência e demanda, entre outros fatores presente nesse coletivo.

Após a programação religiosa de cada noite, dos festejos em comemoração ao santo, os participantes da comunidade católica se reúnem para apreciação do arraial, onde acontece todo o evento social, com jantar em família, baile dançante, leilões, encontros de antigos moradores, que se reúnem nesse período do evento, brincadeiras e músicas diversas. É um momento de grande encontro da comunidade, que conta com a participação desde as crianças, jovens até as mais velhas. Momento onde toda a comunidade católica se faz presente, para prestigiar o evento.

Gohn (1997) vai enfatizar que a noção de movimentos sociais é algo que se faz presente em diferentes espaços, que se encontram ligados pelo coletivo, isto é, que possui uma finalidade que visa o bem "material ou simbólico". Haja vista que a referida comunidade, busca, por parte do poder publico uma maior visibilidade, ao que tange as políticas publicas direcionas para esse coletivo.

O descaso do poder público para com a comunidade é percebido pela ausência de serviços considerados prioritários para a sobrevivência em qualquer espaço, como infraestrutura, que inclui, estradas, energia, unidade de saúde, água, rede de esgoto, instituições religiosas, comércio, como não poderia faltar a segurança para os moradores que ali vivem, entre outros. Essas comunidades ainda têm um longo caminho a percorrer, para que sua cidadania possa ser reconhecida no território, que apesar da situação de abandono em que se

encontram, continuam reproduzindo seu cotidiano, mesmo diante das limitações existentes, ainda em sua busca de dias melhores e reconhecimento como cidadãos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo relatos de moradores, a comunidade de Sucurijuquara é carente e sofre com a falta de infraestrutura, como segurança, de transporte, saúde, educação, esse problema atinge principalmente os adolescentes que precisam se deslocar para o centro urbano em busca de conhecimentos, pois a escola que funciona na comunidade atente as crianças do ensino fundamental menor e maior (1º ao 9º ano).

Apesar da vida humilde e das dificuldades enfrentadas pelos moradores dessa comunidade, a alegria e força de vontade, assim como a superação dessas dificuldades enfrentadas por esse povo, trás a eles essa diferenciação, ao que se refere ao seu modo de vida. Enfim, essa problemática presente na comunidade entre outros fatores configura um quadro preocupante para a população que ali reside. Por isso é importante ressaltar o papel do Estado nas atribuições das atividades, assim como no restabelecimento de uma cultura de planejamento integrado e participativo, como também de adoção de instrumentos regulatório direcionado a essa e outras comunidades denominadas tradicionais.

Por isso, espera-se que esse estudo, que é apenas uma breve aproximação do entendimento, ao que tange as representações e práticas religiosas da comunidade de Sucurijuquara, possa contribuir para despertar a atenção do poder publico para melhoria da qualidade de vida dessa comunidade, de modo que sua importância possa ser amplamente conhecida, reconhecida, compreendida e difundida na sociedade paraense. Entretanto, muito embora esta comunidade não seja, no seu todo ainda reconhecido como, um grupo que apresenta singularidade (comunidade tradicional), essa população apresenta uma coesão coletiva, para além das esferas estabelecidas.

Portanto, não se pode deixar de observar a religiosidade desse povo amazônico, como algo muito presente no seu modo de vida, bem como as transformações, políticas, econômicas e sociais, pelas quais o espaço amazônico vem passando, têm contribuído de forma significativa para a sua reestruturação dentro desse novo modelo de produção espacial da região; porém isso não implica em dizer que as formas antigas de reprodução do espaço tenham desaparecido dentro desse processo mundial. Nesse sentido, é de extrema importância compreender a realidade de que alguns espaços são reproduzidos de acordo com o modo de

vida de populações presente em algumas áreas, como é visível, também, a falta de estrutura que na realidade ainda persiste na região.

Notas

[2] O termo "Círio" tem origem na palavra latina "Cereus", que significa vela grande. No Brasil, no inicio era uma romaria vespertina, e até mesmo noturna, daí o uso de velas. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/CíriodeNossaSenhoradeNazaré. Acesso em: 20 dez. 2014.

[3] Andor é uma estrutura, em geral de madeira ou outro material leve e resistente, em forma de padiola portátil e ornamentada, em que nos cortejos religiosos se transportam ao ombro as imagens e ícones. Os andores são em especial usados nas procissões católicas, nas quais assumem um lugar central. Disponivel em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Andor. Acesso em: 20 dez. 2014.

[4] Etimologicamente as hierofanias significam elementos do sagrado que se revela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro:

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Perspectiva: São Paulo. 1999.

BRASIL, Constituição Federal. **Constituição da república federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Trad. Joaquim Pereira Neto. 3. Edição. São Paulo: Paulus, 2008.

GOHN, Maria da Gloria. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2007.

JODELET, Denise, **Representações sociais**: um domínio em expansão. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1996.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; CASTRO, Edna Maria Ramos de. **No caminho de pedras de Abacatal:** experiências sociais de grupos negros no Pará. 2. ed. Belém: NAEA/UFPA, 2004.

PEREIRA, Francisco Antônio; MENDES, Maria Beatriz Pacheco. **O escravismo na Baía do Sol no século XVIII.** Mosqueiro-PA: Imprensa Oficial do Estado, 2012.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará**: sobre o regime da escravidão. 2. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.

_____. **O Negro na Formação da Sociedade Paraense**. Textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.

Rosendahl, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica- Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC 1996.

Capítulo de Livro:

ARRUDA, Reinaldo S. V. "Populações tradicionais" e a proteção de recursos naturais em unidade de conservação. In.: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Etnoconservação:** novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Napaub-USP; HUCITEC, 2000.

Artigos:

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; CASTRO, Edna Maria Ramos de. **Impasses na conquista da terra coletiv**a. Revista Tempo e Presença. Trombetas/PA, ano 20, n. 298, mar/abr. 1998.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico:** a religião. Estudos avançados, v. 19, n. 53, p. 259-274, 2005.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: PROJETO HISTÓRIA Nº 14. **Cultura e representação.** Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em Historia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: EDUC, 1997, p. 25-39.

Teses ou Dissertação:

SOUZA, Ercília Maria Soares. **Processos identitários e suas vicissitudes em uma comunidade quilombola.** Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2007.

Artigo de Internet:

ALMEIDA, Ronaldo; MONTERO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, SEADE, v.15, n.3, p. 92-101, 2001. Disponível em: <HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0102 88392001000300012>.Acesso em: 20 Set 2014.

FIGUEROA, Ana Claudia. **Presença religiosa na Amazônia**. Disponível em:<WWW.amzônia2002.de/Porto_Velho/Ana_Claudia_Figueroa/Presença/body_pr>. Acesso em: 02/10/2013.